



ZONA NORTE

Free ZN!

► VANESSA BARBARA/
FOTOS RUBENS CAVALLARI

Uma vez me perguntaram se a zona norte tinha condições de se separar de São Paulo, constituindo uma cidade com outro nome. Respondi que sim: a ZN podia se emancipar de São Paulo

e se chamar Hospício.

Foi grande o risco que corri de ser expatriada e perseguida em praça pública por nativos brandindo tochas e tridentes, já que uma das características dos locais é justamente o senso de humor confuso. É fácil ofender um morador da ZN sem querer; por outro lado, é difícil magoar um nativo de propósito. Os mais vis xingamentos não atingem o sujeito que, distraído, nunca acha que é com ele.

Nasci e vivi praticamente a vida toda no Alto do Mandaqui, que faz fronteira com os condados do Lauzane

Paulista, Bancários, Pedra Branca e Santa Terezinha. Fica para além de Santana, em direção ao fim do mundo, onde ainda se diz “vou para a cidade” referindo-se ao centro, como se o bairro não fizesse parte da capital.

Hoje os moradores se encontram espiritualmente mais próximos do resto da metrópole, por conta de seus possantes tunados e do ímpeto catequizante dos motoristas do 118C, que cruzam as ruas com o furor da cavalaria cossaca.

A despeito disso, zona-nortenses mantêm suas diferenças antropoló-

gicas, tornando imediato o reconhecimento entre iguais. Por exemplo: o típico nativo da ZN é aquele que chega cedo nos lugares e compra o material escolar na primeira semana de janeiro. Ele é regrado, usa roupas de domingo e tem leve tendência ao corintianismo.

Nestas terras, vizinhos costumam telefonar perguntando onde se pode adquirir uma bigorna de segunda mão, e é aqui que se recebe uma resposta. Há muitas casas, árvores, pássaros e sete tartarugas na mesma quadra — a maior média de cascos “per capita” do Brasil. Há gente que sai de

casa com o cabelo cheio de bobes, e eu já vi uma menina atravessando a rua Voluntários da Pátria com uma toalha enrolada na cabeça.

A zona norte é também a terra do futuro, onde o progresso segue a galope e ninguém anda de costas. Possuímos três shoppings de grande porte, dezoito filiais da Drogaria São Paulo e incontáveis pet shops.

A zona norte é inexplicável: aqui se encontram serralheiros que dominam o sueco, faxineiras que são também cabeleireiras e decoradoras de interiores, relojoeiros nipônicos que

combateram pelas forças do Eixo e a maior piscina de bolinhas da América Latina.

Em que pesem a falta de transporte público decente e a quantidade excessiva de automóveis, a zona Norte é um belo lugar para se morar, com vizinhos muito interessantes. Basta ajustar o fuso horário e a lógica.

Vanessa Barbara, 29, mora na zona norte e é autora de “O Livro Amarelo do Terminal” (CosacNaify) e “O Verão do Chibo” (Alfaguara, em parceria com Emilio Fraia). É jornalista, tradutora e colunista da “Ilustrada”, onde escreve sobre televisão às segundas-feiras.